Patronos não incluídos por ocasião das reformas de 1930 e 1951

1 — MARTINHO RODRIGUES de Sousa. Um lutador destemido na política cearense. Nasceu em Canindé, filho de Inácio Rodrigues de Sousa e sua mulher. Professor primário, advogado. Abolicionista da vanguarda. Republicano ardoroso, foi um dos componentes do primeiro Conselho Municipal instituído com o advento republicano, no Ceará. Jornalista. Deputado estadual. Bacharelou-se em Direito no Recife. Era brilhante orador e bom poeta. Retirando-se para a Amazônia, ali faleceu em 10 de agosto de 1905.

2 — ANTÔNIO IBIAPINA. Magistrado de segura carreira, acabou Juiz de Direito, aposentando-se com honras de Desembargador. Nasceu em Sobral, a 7 de fevereiro de 1858. Em novembro de 1879, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife. Bom orador, por várias vezes representou a classe acadêmica em festas literárias ali realizadas. Promotor Público em sua cidade natal, durante nove anos, foi posteriormente ali Juiz Municipal e de Órfãos. Transferindo-se para o Amazonas, ocupou o Juizado de Direito da Comarca do Alto Solimões. Voltando ao Ceará, recebeu nomeação para, por mais um turno, servir a sua cidade, como Juiz de Direito, cargo no qual se aposentou. Faleceu em 4 de fevereiro de 1918.

3 — ANTÔNIO Dias MARTINS. Nasceu em Fortaleza, a 16 de junho de 1852, filho de Antônio Dias Martins e Francisca Xavier de Albuquerque. Viveu a meninice na vila de Trairi e, voltando à Capital, entregou-se aos misteres do comércio como caixeiro de escrita, mais tarde empregando-se como funcionário da Alfândega. Jornalista a vida toda, começando como redator da *Brisa,* em 1875. Sob o pseudônimo de "De-

lisle" publicou folhetins, muito em voga na época, no *Libertador.* Inestimáveis os seus serviços à causa da Abolição no Ceará, sendo um dos três poetas que cantaram a libertação dos negros no volume *As Três Liras.* Os dois outros eram Justiniano de Serpa e Antônio Bezerra. Orador e delicado cronista. Faleceu nesta capital em 31 de março de 1895.

4 — PADRE José Antônio Pereira IBIAPINA e, depois, José Antônio de Maria Ibiapina. O tão conhecido e afamado missionário, ardendo em zelo pelo apostolado da caridade. Nasceu em Sobral, na fazenda Morro da Jaibara, a 5 de agosto de 1806, sendo seus pais Francisco Miguel Pereira e Teresa Maria de Jesus. Em Icó, para onde se transferiu com os genitores, aprendeu as primeiras letras, continuadas no Crato e em Jardim. Em 1823, estava em Olinda. Sabendo da condenação do pai e do irmão mais velho envolvidos nas rebeldias da Confederação do Equador, e cujos bens foram confiscados, veio ao Ceará em busca da família, mas retornou a Pernambuco, para formar-se em Direito em 1832. Nomeado Juiz de Direito de Quixeramobim, em 1834, do cargo se demitiu no ano seguinte. Desiludido da política, que o fizera Deputado Geral e, igualmente, desgostoso da advocacia, na qual tantas vitórias, aliás, alcançou, dedicou-se à vida eclesiástica, ordenando-se presbítero em 1853. Tornou-se, então, o missionário dos sertões, demorando nas Províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, deixando imortalizado o seu nome de benfeitor, com a fundação, por onde andou, de casas de caridade, igrejas, cemitérios e hospitais. Faleceu na Casa de Caridade de Bananeiras, Paraíba, em 19 de fevereiro de 1883.

5 — JOSÉ AVELINO Gurgel do Amaral. Filho de Antônio Gurgel do Amaral e Maria Joana de Lima, nasceu em Aracati, no dia 10 de novembro de 1843. Em Icó, iniciou as letras primárias. Na Faculdade de Direito do Recife bacharelou-se em 1864 e, depois, se doutorou, em 1872. Promotor Público em Aquirás. Político, representou o Ceará, mais de uma vez, na Câmara dos Deputados. Fez parte da 1ª Constituinte Repu-

blicana. Era Cavaleiro da Legião de Honra, da França, e de Santo André, da Rússia. Publicou muitos trabalhos forenses e discursos. Jornalista, escreveu em diversos diários de Fortaleza e do Rio de Janeiro. Faleceu em 19 de julho de 1901, na antiga Capital Federal.

6 — GENERAL Antônio TIBÚRCIO Ferreira de Sousa. Um dos grandes símbolos da bravura militar brasileira, sobre ser homem de sólida cultura, forrada de excelentes fundamentos filosóficos. Nascido em Viçosa, hoje Viçosa do Ceará, a 11 de agosto de 1837, e falecido em Fortaleza no dia 28 de março de 1885. Em sua cidade natal, está homenageado com uma bela estátua de bronze. Fez a campanha do Paraguai, onde se glorificou pela sua coragem e tática irrepreensível. Na capital cearense ergue-se outra estátua sua, em cuja cripta demoram os seus restos mortais. Nem é preciso dizer muito, aqui, desse eminente soldado, tão conhecido e reconhecido o valor de sua personalidade.

7 — CONSELHEIRO TRISTÃO de Alencar Araripe. Filho do grande herói e mártir da Revolução de 1824, Tristão Gonçalves, e D. Ana Triste, nasceu em Icó, no dia 7 de outubro de 1821. Faleceria no Rio de Janeiro, em 3 de junho de 1908, após ter feito majestosa carreira no campo do Direito, do que deixou como prova a sua vasta obra de cunho histórico, literário e jurídico, muitos dos seus trabalhos publicados sob o pseudônimo de "Philopoemen". A sua *História da Província do Ceará desde os tempos primitivos até 1950* é valiosa e pioneira. Diplomou-se em 1845 pela Academia de Direito de São Paulo e logo depois foi nomeado Juiz Municipal de Fortaleza, Juiz de Direito de Bragança, Pará. Desembargador dos Tribunais de Apelação da Bahia, São Paulo e da Corte. Por fim, Ministro do Supremo Tribunal Federal. Presidiu às Províncias do Rio Grande do Sul e do Pará. Representou a sua província, em três legislaturas, na Câmara Geral. Foi Ministro da Justiça e da Fazenda no Governo do marechal Deodoro da Fonseca.

Pertenceu ao Instituto Histórico Brasileiro. Pai de Araripe Júnior, Patrono da Cadeira nº 39.

8 — Francisco Antônio de OLIVEIRA SOBRINHO. Fez os estudos primários em Baturité, onde nasceu em 23 de outubro de 1844, sendo seus pais Manuel Antônio de Oliveira e Francisca Leopoldina de Oliveira. Os preparatórios, fê-los no Recife, em cuja Faculdade de Direito se bacharelou, em 1870. Ainda acadêmico, no 3º ano, ofereceu-se como voluntário para a campanha contra o Paraguai, de lá voltando no posto de Capitão, por atos de bravura. No Ceará, foi Juiz Municipal de Pereiro e Jaguaribe. Com a República, ocupou o cargo de Juiz de Casamentos de Fortaleza. Deputado Estadual. Mudando-se para o Amazonas, em Manaus dedicou-se à advocacia e fez jornalismo. É de sua autoria o conhecido drama *Júlia* e outras peças de teatro. Em folhetins, no jornal *Constituição,* de Fortaleza, publicou o romance *Mário, ou as desventuras de um voluntário* (1869). Foi abolicionista da linha de frente. Faleceu em Fortaleza, a 4 de outubro de 1897.

9 — Francisco de PAULA NEY. O tão aclamado poeta e boêmio, exímio repentista e dono do humorismo. Filho do alfaiate Mariano de Melo Ney e Carlota Cavalcante, conheceu a luz do dia em Fortaleza, a sua "loira desposada do sol", a 2 de fevereiro de 1858. Mudou-se para o Rio de Janeiro e, ali, se tornou o moço mais popular da grande metrópole e "um dos que mais justificam essa popularidade". É do jornal *República* do Rio: "Dotado dum talento másculo para se fazer admirado, o poeta cearense reunia todas as qualidades do boêmio, espírito em alto grau, desprezo absoluto dos pequeninos nadas, que constituem quase sempre a origem das grandes misérias humanas, e um grande coração, tão grande mesmo que para ele a amizade não era uma virtude, era pouco menos que uma religião." E de *A Notícia:* "O nome desse inolvidável rapaz ficará como uma tradição imorredoura da boêmia incomparável que, de vinte anos para cá, fez a alegria e a glória de nossas gerações literárias." Vítima da tuberculose pulmonar, morreu na antiga Capital da República aos 13 de outubro de 1897.

10 — JOSÉ SOMBRA, pai. — Ver *Fundadores*.

11 — VALDEMIRO CAVALCANTE. — Ver *Fundadores*.

12 — ALBERTO NEPOMUCENO. Na Rua Senador Pompeu, de Fortaleza, em casa ainda hoje conservada, nasceu no dia 6 de julho de 1864. Filho do maestro Vítor Nepomuceno. Ratificando o consenso geral, ainda hoje incontestado, considerou-o o Barão de Studart "o mais brasileiro de todos os compositores de que se orgulha o Brasil". Venceu as dificuldades no meio um tanto hostil às coisas da Arte, logrando com o auxílio do notável escultor Bernardelli obter os recursos indispensáveis para uma viagem à Europa, onde mais aperfeiçoou a sua música, na Itália e na Suíça. Isto graças ao prêmio de 550 francos mensais, durante quatro anos, que conquistou no concurso para a partitura do Hino da República, classificado em segundo lugar. Freqüentou escolas de teoria e técnica musical em Berlim e Paris. Voltando ao Brasil, em 1896, deram-lhe o lugar de professor de órgão do Instituto Nacional de Música, mas retornou ao Velho Mundo para mais preparar-se, na Noruega, na Áustria e na Alemanha. De novo no Brasil, foi nomeado Diretor do mesmo Instituto Nacional. As suas criações têm o nível das grandes concepções do som. Faleceu em 16 de outubro de 1920.

13 — LUÍS Francisco DE MIRANDA. O aprendiz de ferreiro que se fez jurisconsulto. Na bigorna esteve até 1861, quando foi ocupar a Promotoria Pública da Comarca de Ipu. Conquistou os conhecimentos intelectuais suando de dia e estudando à noite. Advogado de renome, de fama um tanto lendária, o que resultava o modo como, com proficiência e interesse, atendia à sua enorme clientela. O seu trabalho sobre *Sesmarias* é lavor de mestre. Cultivou as Musas com inspiração, e no jornalismo a sua atuação foi decisiva, principalmente como participante da redação do *Pedro II*, órgão do Partido Conservador, no Ceará. Morreu pobre, porque a boêmia não o deixou amealhar, em 15 de maio de 1905, nesta Capital. Como Patrono, foi escolhido pelo pe. Antônio Tomás,

na reforma de 1922. Assim consta da assinatura deste nos Estatutos de 19 de agosto desse ano. (*Rev. da Academia,* nº 32-33, p. 201.)

Estes, figurantes no Quadro de Patronos de 1922.

Do de 1930, não continuaram:

14 — AGAPITO Jorge DOS SANTOS. De origem pernambucana, pois nasceu em Santo Antão, mais tarde cidade de Vitória, daquele Estado, no dia 24 de março de 1852, filho do Dr. Joaquim Jorge dos Santos, que foi Juiz de Direito em Fortaleza, e de Luísa Maria Crespo. Estudou no reputado Ateneu Cearense, dos irmãos Costa Mendes, desta Capital, e no Seminário Diocesano da Prainha, neste concluindo, em 1866, o curso de preparatórios, exceto o de Filosofia, dada a sua idade menor que a exigida. Foi então mandado para Roma, matriculando-se no Colégio Pio-Latino-Americano. Ali fez as humanidades e dois cursos de Filosofia, com distintas notas, porém a morte do pai o obrigou a interromper o *curriculum,* o que aconteceu em 1872. Conhecedor profundo do Latim, ensinou esta língua em Granja e Maranguape. Enquanto ensinava, provisionou-se advogado. Político e jornalista, exerceu funções públicas e foi Deputado à Assembléia do Estado em diversas legislaturas. Dirigiu o Liceu do Ceará e nele proferia aulas de Latim e Grego. Como representante do Ceará, esteve na Câmara de Deputados. Faleceu em Fortaleza a 23 de novembro de 1916.

15 — POMPÍLIO CRUZ. Advogado de grande conceito e professor da Faculdade de Direito do Ceará. Nasceu em Canindé, a 6 de janeiro de 1861. Vindo para Fortaleza, cursou o Ateneu Cearense, mas abandonou os estudos em 1877, preferindo trabalhar no comércio. Recomeçou os estudos em 1880 e os terminou na Faculdade de Direito do Recife, pela qual se diplomou em 1885. Promotor de Justiça no Crato e Assaré para onde fora removido a contragosto seu. Abriu, então, banca de advogado em Baturité, comarca de que foi Promotor. Vindo para Fortaleza, continuou na advocacia, reputando-se como causídico, notadamente na tribuna do Tribunal do Júri. Faleceu nesta capital em 21 de dezembro de 1921.

16 — D. JOAQUIM José Vieira. 2º Bispo do Ceará. Figura o seu nome entre os Patronos de 1930, sendo titular da Cadeira nº 18, ocupada por Andrade Furtado, o qual na recomposição de 1922 tinha como Patrono Manuel Soares da Silva Bezerra, que continuou a figurar na fusão de 1951.

17 — JOÃO da Rocha MOREIRA. Médico de nomeada, nascido a 1º de fevereiro de 1845 em Fortaleza, onde sempre clinicou. Filho de Manuel Moreira da Rocha e Brasia Moreira da Rocha. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1869. Exerceu as funções do cargo de Diretor de Saúde Pública do Estado (1877) e de professor do Liceu do Ceará, nas cadeiras de Francês e Inglês. Inspetor de Higiene (1886) e Inspetor de Saúde do Porto (1893). Respeitado e benquisto, foi, na realidade, figura da maior consideração do seu meio profissional e social. Faleceu em 14 de janeiro de 1913. O ocupante da Cadeira nº 16 da reforma de 1930 era Antônio Teodorico, fundador, que na de 1922 escolheria como Patrono João Brígido.

18 — OTO DE ALENCAR e Silva. Notável matemático de reputação nacional, nasceu em Fortaleza a 3 de agosto de 1874, tendo como genitores Silvino Silva e Maria de Alencar Silva. Fez com o maior brilho o curso de Engenheiro na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, diplomando-se aos 19 anos de idade. Nessa mesma Escola lecionou várias matérias, sempre acatado e tido como talento excepcional. Tocava ao gênio. Publicou muitos trabalhos sobre os assuntos de sua especialidade, não só em revistas brasileiras, como em revistas estrangeiras. Na citada Escola Politécnica está o seu busto em bronze, homenagem à sua vasta cultura e aos serviços a ela prestados. Dedicava-se à Música, no que também se aprofundou. Faleceu em 25 de fevereiro de 1912.